Rita LAGES RODRIGUES
(Universidade Federal de Minas Gerais/Grupo de Pesquisa Estopim)

O eu e o outro: Jeanne Louise Milde e Cláudia Andujar em múltiplos tempos, múltiplas vivências

Abstract: (The self and the other: Jeanne Louise Milde and Cláudia Andujar in multiple times, multiple experiences) Octavio Paz and Tzvetan Todorov work with the concepts of alterity and the other and be the key to perceive the presence of two foreign artists in Brazil in the twentieth century, in their differences and similarities. In 1929 the Belgian sculptor Jeanne Louise Milde arrived in Belo Horizonte, Brazil. In the 1950s, photographer Cláudia Andujar, a Swiss by birth, who had passed through Romania / Hungary and the United States, arrived in São Paulo, Brazil. The two women artists, foreign, imbued with different proposals worldviews, arrived in Brazil, immersed in other cultures and transformed their art. They differ in time, in space, in their previous experiences, in their mother tongue, in the forms of artistic expression chosen, in the vision of the other that they find here, in the purposes in the country they have adopted, They have distinct ethnic origin. Jeanne Milde has been involved in a civilizational, European project towards a land "where there was everything to be done", and Cláudia Andujar, deeply marked by World War II, the daughter of a Jew and a Protestant, had experienced the horrors promoted by this civilization. Women of their time, from their experiences, we can try to reach their lifes, understanding the context they lived, looking at the past and the women in art, perceiving the action of these women and their choices.

Keywords: Foreigh travelling artists, Brazil, Civilizational project, otherness Biography

Resumo: A partir de autores como Octavio Paz e Tzvetan Todorov, que trazem definições sobre as noções de alteridade e do outro, buscou-se perceber a presença de duas artistas estrangeiras no Brasil no século XX, em suas diferenças e semelhanças. Em 1929 chegou a Belo Horizonte, Brasil, a escultora belga Jeanne Louise Milde. Nos anos 1950, a fotógrafa Cláudia Andujar, suiça de nascimento, que havia passado pela Roménia/Hungria e Estados Unidos, chegou ao Brasil, dirigindo-se a São Paulo. As duas artistas mulheres, estrangeiras, imbuídas de propostas e visões de mundo distintas, chegarem ao Brasil, imergiram em outras culturas e transformaram sua arte. Diferem-se no tempo, no espaço, em suas vivências anteriores, na sua língua materna, nas formas de expressão artística escolhidas, na visão do outro que aqui encontram, nos propósitos no país que adotaram, são de origem étnica distinta, marcadas de diferentes modos pelo século XX. Jeanne Milde vem inserida em um projeto civilizacional, europeu, em direção a uma terra "onde havia tudo por fazer", já Cláudia Andujar, profundamente marcada pela Segunda Guerra Mundial, filha de um judeu e de uma protestante, havia vivido os horrores promovidos por essa civilização. Mulheres de seu tempo, a partir de suas experiências, podemos perscrutar a realidade em que viviam, compreendendo o contexto, mas também tensionando-o para ampliar a visão do passado e das mulheres na arte, percebendo-se a ação dessas mulheres e suas escolhas.

Palavras-chave: Artistas estrangeiros viajantes, Brasil, Projeto Civilizacional, outridade, biografia.

Introdução

> Em cada homem lateja a possibilidade de ser ou, mais exatamente, de tornar a ser, outro homem. (Paz 2016, 29)

Duas artistas, distintas temporalidades, marcadas por seus locais de origem, seus deslocamentos, seu contato com o outro, com os outros tornam-se objeto de estudo.

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

Como falar de outros, deslocando-me daquilo que sou? Vários outros habitam em um. Parto, portanto, de uma perspectiva anacrônica, porque parto de mim e de minha escrita hoje ao lançar um olhar sobre a forma como estas duas artistas entraram em contato com o outro, representaram este outro e tornaram-se, elas mesma, parte de uma outridade no século XX. Jeanne Louise Milde e Claudia Andujar são duas artistas mulheres, que se deslocaram de seus lugares de origem e vieram viver no Brasil no século XX, com uma visão de mundo ancorada nos valores das culturas de onde são oriundas e das suas vivências, servindo de ponto de partida para interpretações sobre a relação do um com o outro. Se existe um *habitus* do grupo (Bourdieu 1999), existe também a liberdade de ação de indivíduos, neste caso, duas mulheres europeias que vieram viver e produzir arte em terras brasileiras, em um contexto que não deve servir como camisa de força, deve, sim, ser tensionado, problematizado, e redimensionado a partir do estudo de vidas, de biografias (Levi 1989). Claudia Andujar ainda vive, trabalha e luta a favor dos povos Yanomami no Brasil de 2018.

As experiências de viajantes artistas permeiam toda a história da terra brasilis. Do contato inicial com os habitantes do Novo Continente, aos pintores viajantes holandeses do século XVII, à fixação no Novo Mundo de artistas oriundos principalmente de Portugal, aos viajantes do século XIX, às mulheres artistas que se estabeleceram no Brasil já no século XX, são várias as representações do Brasil e de seu povo feitas por artistas viajantes de nacionalidades diversas, em diferentes momentos, em um território hoje unificado como Brasil. Autores como Octavio Paz e Tzvetan Todorov podem lançar luzes em múltiplas diferenças existentes entre os tempos abarcados, entre etnias dos artistas, entre os gêneros.

Georges Didi-Huberman, em um artigo no livro Diante do Tempo, defende a História da Arte como disciplina anacrônica. Para ele, sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo. O nosso presente, em sua escrita, "pode, de repente, se ver capturado e, ao mesmo tempo, revelado na experiência do olhar." (Didi-Huberman 2015, 16) Essa experiência do olhar encontra-se com o lugar do Outro. As imagens revelam e presentificam um outro tempo, o Outro ao se colocar em nossa frente, revelam outras possibilidades de existência.

Sobre o Outro, o olhar do estrangeiro

A compreensão do que vem a ser este outro inicia-se por Otávio Paz, literato mexicano que em seu livro O Labirinto da Solidão tão bem soube tratar de nossa existência em outridades:

> "Se o homem é duplo e triplo, também o são as civilizações e as sociedades. Cada povo mantém um diálogo com um interlocutor invisível que é, simultaneamente, ele mesmo e o outro, seu duplo. Seu duplo? Qual é o original e qual é o fantasma? Como a tira de Moebius, não há exterior e nem interior e a outridade não está lá fora, mas aqui dentro: a outridade somos nós mesmos." (Paz 2006, 239)

A partir deste trecho reflito sobre a presença destas duas artistas que estiveram no Brasil, retrataram este país como um outro lugar, o lugar do exótico, de outras

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

possibilidades, mas também o lugar do encantamento pela natureza, do bom selvagem e também do selvagem antropófago, aquele que digere a coragem, a força do outro, simbolicamente, ao consumir a carne do inimigo. Em que medida estas artistas não falaram se si mesmo ao retratar os outros? Suas obras revelam, muitas vezes, muito mais de si do que dos outros que buscavam mostrar, falam da formação como artistas, uma escultora, outra fotógrafa; falam da origem europeia, ocidental, mas também da vivência em outros espaços e tempos. Jeanne Louise Milde e Cláudia Andujar guardam diferença essencial em relação a artistas viajantes que passam pelos lugares: elas se fixaram, escolheram permanecer em outras terras, deslocando-se do lugar de origem e tornando-se outras. Escolheram o Brasil como morada. Tornaram-se duplas e triplas, reinventaram-se, reconstituíram-se, mas também mantiveram suas memórias e seu passado dentro de si.

De que Brasil falo? Existe esta unidade a ser objeto do olhar destes outros viajantes? O Brasil também é constituído de outridades, como Otávio Paz refere-se ao México, basta trocarmos México por Brasil: "O caráter do México, como de qualquer outro povo, é uma ilusão, uma máscara; ao mesmo tempo é um rosto real. Nunca é o mesmo e sempre é o a esmo. É uma contradição perpétua: cada vez que afirmamos uma parte de nós mesmos, negamos a outra." (Paz 2006, 240)

Como partimos do lugar para onde as duas artistas deslocam-se, o Brasil, falar de um Brasil único é um equívoco, não falar da ideia deste Brasil único também o é. Ao falar do olhar de estrangeiras sobre o Brasil, falo do desvelamento de um outro. Em seu livro A Conquista da América, Tzvetan Todoróv relata esta descoberta. O trecho é longo, mas vale a pena a leitura, pois é um dos trechos mais belos sobre o Outro já escrito por alguém:

> "Quero falar da descoberta que o eu faz do outro, O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os 'normais'." (Todorov 1996, 03)

As duas artistas em questão falam de si e dos outros, na convivência tornam-se elas também outros. A divisão por seções na obra A Conquista da América de Todorov (1996), leva-nos a conceitos essenciais para a compreensão da relação que estabelecemos com o outro: a primeira, descobrir; a segunda, conquistar; a terceira, amar; a quarta, conhecer. Descobrir, conquistar, amar e conhecer, procedimentos que com crueldade ou altruísmo levam-nos ao Outro. Elas eram estrangeiras no momento que chegaram ao Brasil e continuaram a ser estrangeiras ao longo da vida. No entanto, eram também mais do que estrangeiras,

Questão essencial, a necessidade de se pensar sobre a passagem de viajantes

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

pelos país, o ato de viajar, e a fixação do imigrante já no século XX. A princípio, uma relação mais profunda estabelece-se quando o estrangeiro fixa-se em um local e aí constrói sua moradia. É necessário uma reinvenção da própria identidade que é constantemente transformada pelo contato com outra existência, com a outridade. As duas artistas, de Europas distintas, tornam-se também parte da brasilidade, ao ficarem por décadas na terra do pau brasil.

Jeanne Louise Milde e Claudia Andujar são duas mulheres, estrangeiras e artistas. Ao defini-las, adjetivando-as, digo algo sobre o que busco na escrita deste texto. O que perscruto em suas vidas, em suas identidades. Assim como elas falam de si em suas obras, quem escreve fala de si ao selecionar o objeto de estudo, ao recortar. Parto, também, de um princípio. A identidade, aqui, não é vista como algo coeso, essencial. No entanto, deve-se adotar a perspectiva de que as identidades são percebidas de forma distinta pelos sujeitos, de acordo com o momento histórico. Em seu livro já clássico, A identidade Cultural na Pós-modernidade, Stuart Hall (2006) parte do princípio de que as identidades modernas estão sendo descentradas, sendo seu argumento construído a partir deste ponto. Hall discute e problematiza a posição de teóricos/as

> "que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito." (Hall 2006, 09)

Hall define um sujeito do iluminismo, um sujeito sociológico e um sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo era "um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — continuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo." (Hall 2006, 10-11). O sujeito sociológico "refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele', que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava." (Hall 2006, 11). Já o sujeito pós-moderno é "conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam." (Hall 2006, 11-12)

Estas questões pensadas a partir da identidade moderna e pós-moderna servem de norte para a reflexão sobre as duas artistas, Jeanne Louise Milde e Cláudia Andujar e, também, para o uso dos dois outros conceitos, o de civilização e os de multiculturalismo e interculturalidade. Jeanne Milde manteve sua identidade coesa ao

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

longo da vida, acreditava na força de sua ação como artista e educadora e mais do que isso, na transformação possibilitada pela civilização. Um sujeito do Iluminismo, como pontuado por Hall que disse ao final da vida: "Eu sonhava toda minha vida ser uma coisa especial, não ser como todo mundo. E graças a Deus eu sou..." (Tavares, 1997). Claudia Andujar mergulha fundo em outra cultura que fascina e transforma sua existência: os Yanomâmi. Parte de sua vida foi dedicada a eles e até os dias atuais é ativista internacional pelos direitos dos povos Yanomami. Mergulhou tão fundo na existência do outro que se tornou, em parte, o próprio outro.

Sobre a ideia de civilização, sobre a ideia de um processo civilizacional, retorno a Norbert Elias, que enxerga no processo de integração social realizado pelos Estados Modernos, controles de comportamento a partir de normas que estabeleciam a distinção social, em especial a partir da sociedade de corte francesa nos séculos XVII e XVIII. A ideia de um domínio correto das condutas, disseminava um padrão de comportamento a todos. A educação teria um papel fundamental. Os séculos seguintes estabeleceram diferentes padrões de comportamento e normas, mas todos pontuavam um modo civilizado de existência. (Elias 1994)

Jeanne Louise Milde (Bruxelas, 1900 - Belo Horizonte, 1997)

Em 1929 chegou ao Brasil, a escultora belga Jeanne Louise Milde, nascida em Bruxelas em 1900, formada na Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, imbuída de propostas e visões de mundo da arte europeia acadêmica do XIX. Integrante da Missão Pedagógica Europeia, uma missão formada pelo Governo de Minas com integrantes europeus de diversos países que vieram para Minas Gerais, Brasil, com o intuito de transformar a educação no Estado. Milde era responsável pelo campo das belas artes e artes aplicadas. Em Belo Horizonte, capital de Minas, foi professora na Escola de Aperfeiçoamento e, posteriormente, no Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais, locais de formação de professores. Vem imbuída de um projeto civilizacional, europeu, em direção a uma terra "onde havia tudo por fazer".

Jeanne Milde nasceu na virada do século XIX para o XX, em 15 de julho de 1900. Filha de Josse Milde e Mathilde Cammaerts Milde. Viveu em Bruxelas por quase 29 anos. Sua formação aconteceu em terras belgas, europeias, em um momento de mudanças nas artes: vanguarda, modernismo, novas linguagens artísticas, mas sua aprendizagem ocorreu em um ambiente tradicional, uma Academia de Belas Artes. Para além da arte, a formação da artista como ser humano realiza-se dentro daquela cultura e as suas relações com o mundo vão ser marcadas por todo o aparato cultural com o qual esteve em contato desde o início de sua vida. Viveu quase todo o século XX, um século de grandes mudanças. Passou por uma grande guerra, ainda adolescente, vivenciou mudanças radicais na forma de vida de populações, desenvolvimento de novas tecnologias, da aviação, da ampla divulgação da imagem em movimento, primeiro pelo cinema, depois pelo surgimento da TV. A primeira metade do século XX foi um momento de guerras, em que o homem demonstrou todo o seu poder de destruição, seja pela bomba atômica, usada ainda em 1945, seja pela destruição gradual da natureza por meio da perspectiva desenvolvimentista.

Jeanne Louise Milde estudou na Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, onde

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

destacou-se como estudante. Milde relata-nos como se deu sua entrada na Academia:

> "E eu fui a única mulher a ser aceita pela Escola de Belas Artes, a ser aluna com os jovens. E os jovens me criticavam muito, eles diziam "essa mulher pequenina se julga ser algum dia escultor, com esse saltinho alto e essa roupa de enfeita,eles falavam." (CRAV, 1996)

A artista vai estudar em uma Academia de Belas Artes Europeia, mas uma academia que havia passado por transformações ao longo do século XIX, incluindo aproximações com a indústria e com novas formas artísticas. Alberto Álvares que foi enviado pelo governo mineiro à Europa para trazer pessoas de renome para integrar a Missão Pedagógica Européia, entrou em contato com Jeanne Louise Milde, em Bruxelas, para que viesse a Belo Horizonte, atuar na área artística.

> "Dentre os elementos que deveriam participar com determinada especialização, faltava ainda um que lecionava arte, didática da arte, e aperfeiçoamento de desenho e artes aplicadas para as professorinhas do Instituto de Educação , ou melhor, para a Escola de Aperfeiçoamento. Alberto Álvares, encarregado deste recrutamento, dirigiu-se então à Escola de Belas Artes de Bruxelas, onde foi informado que um determinado elemento talvez se dispusesse a partir para o Brasil: apesar de uma ressalva colocada pelo diretor da Escola de Belas Artes de Bruxelas: ela era mulher. Mas mesmo sendo mulher Jeanne resolveu vir para o Brasil."Sempre fui muito aventureira: não é que fosse uma aventura vir para o Brasil, a aventura consistia em largar a Bélgica." E deixar o seu país era uma opção que lhe custava a própria fama." (Pignataro 1980, s/p)

Aproximamos, aqui, sua obra a tendências modernistas da arte em fins do século XIX e princípios do XX, classificadas a partir de cinco características por Argan. A primeira é a deliberação de se fazer uma arte em conformidade com a sua época e a renúncia à evocação de modelos clássicos, tanto na temática como no estilo. A segunda, o desejo de eliminar a distância entre as artes maiores (arquitetura, escultura e pintura) e suas aplicações nos diversos campos da economia. A terceira, a funcionalidade decorativa da arte. Como quarta característica, tem-se a aspiração a um estilo ou linguagem européia próprios e, em quinto e último lugar, o esforço em interpretar a espiritualidade que se dizia (com ingenuidade e hipocrisia) inspirar e redimir o industrialismo.(Argan 1992, 185)

Milde traz em suas esculturas quase todas as tendências iniciais do modernismo. Pertencente ao seu tempo, sua arte relaciona-se ao cotidiano, tendo sido professora de um curso de artes aplicadas e produzdo diversos utilitários na vida. Pertence a uma tradição européia de desenvolvimento das artes e, em relação ao aspecto espiritual, sua obra possui traços simbolistas, tais como a representação de estados de espírito marcada por uma visão individual; títulos como *Timidez*, *Angústia*, *A Espera* e *Ternura* – que revelam uma preocupação com a dimensão humana da civilização e não uma ode ao progresso. A artista não renuncia à evocação dos modelos clássicos, mas esses eram usados por necessidade de estudo e não como modelos a serem seguidos à risca. Jeanne Milde, com todas as contradições do moderno/antigo, fazia parte de um mundo que se

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

modernizava, de um modernismo inicial.

Jeanne Louise Milde vem para o Brasil, assim, com um projeto civilizador, de levar o seu saber para um local onde as pessoas não tinham acesso a uma educação e a uma cultura de alto nível como considerava-se ser a cultura européia. O projeto do governo de Antônio Carlos, com participação de Francisco Campos e cujo representante era Alberto Álvares, era o de transformação da sociedade pela educação. É uma proposta civilizatória e os quadros que seriam os responsáveis por trazer estes novos ares foram buscados na Europa. A crença no projeto civilizador marca o pensamento europeu neste momento, se por um lado significa levar novos ventos, o progresso, por outro, pode significar destruição.

É interessante percebermos que na fala de Jeanne Louise Milde, este ímpeto civilizatório positivo está presente:

> "Pensei bem e cheguei à conclusão de que na Europa já estava tudo feito. Não podia dispensar uma oportunidade de ir para um lugar onde estava tudo por fazer." (Estado de Minas 1997)

Entretanto, é fundamental frisar-se que em terras brasileiras sua obra escultórica vai ser modificada pelo trabalho com madeiras locais e com novas temáticas, indígenas e da cultura brasileira. (IMAGEM 1)



IMAGEM 1
Jeanne Louise Milde. *Iara*. Madeira. 85 (altura) x 80,1 (diâmetro) cm. S/data. Acervo Museu Mineiro. Autoria da foto desconhecida.

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

Claudia Andujar (Neuchatel, Suiça, 1931)

Claudia Andujar nasceu em Neuchatel, Suíça, em 1931. De pai judeu e mãe protestante, muda-se para a Transilvânia, Romênia, onde vive até os 13 anos. Este momento marca profundamente sua existência. Seu pai vai ser levado para um campo de concentração, mas ela e a mãe conseguem fugir para a Suiça, de lá para Nova Iorque e, posteriormente, vêm viver no Brasil. Claudia Andujar chega ao Brasil em 1955 para encontrar-se com a mãe. Havia estudado fotografia em Nova Iorque. Nos anos 1950 trava contato com Darcy Ribeiro,antropólogo brasileiro, com quem desenvolve um trabalho fotográfico sobre os índios Karajás, que sai publicado pela revista Life. Visita também os Bororo e os Xikrin Kayapó, antes de chegar aos Yanomami. Trabalhando na Revista Realidade de 1966 a 1971, tem, então, os primeiros contatos com os Yanomami no início dos anos 1970. Nos anos de 1972 a 1977 convive cotidianamente com a comunidade Yanomami, ganha reconhecimento profissional pelas séries de fotografias do povo e, paralelamente, trabalha como ativista das causas do povo Yanomami até os dias de hoje. Claudia Andujar é uma fotógrafa entre culturas.

A sua vida é pontuada pela relação que estabelece entre os Yanomami e os judeus na Segunda Guerra Mundial:

> "Aos treze anos tive o primeiro encontro com os 'marcados para morrer'. Foi na Transilvânia, Hungria, no fim da Segunda Guerra. Meu pai, meus parentes paternos, meus amigos de escola, todos com a estrela de Davi, visível, amarela, costurada na roupa, na altura do peito, para identificá-los como 'marcados', para agredi-los, incomodá-los e, posteriormente, deportá-los aos campos de extermínio. Sentia-se no ar que algo terrível estava para acontecer. Em meio a esse clima de perplexidade, Gyuri me convidou para um passeio no parque. Foi uma confissão de amor. Só assim posso nomear seu desejo de andarmos juntos. (Andujar 2009)

Claudia Andujar nos anos 1980 vai fazer uma série de fotografias, Marcados (1980-1983, IMAGEM 2), em que retrata os Yanomami com números no peito e faz com que a memória da artista se volte para as marcas anteriores dos conflitos que já vivenciara na adolescência, em relação à marca a qual os judeus eram sujeitados. No entanto, aqui, a marca aparece como elemento de salvação possível. O propósito principal desta série seria salvar os Yanomami pela marca de identificação, para futuros trabalhos relacionados à saúde e sobrevivência do grupo. Antes, nos anos 1970, havia feito séries de fotografias sobre o encantamento do encontro com os Yanomami e, ao mesmo tempo, denunciando todas as mazelas trazidas a este povo pelo contato com a civilização.

A consciência da artista acerca da sua condição no universo do outro surpreende: "É através da imagem do outro que cheguei a me conhecer e a entender o amor que nutro pela vida; a angústia de poder penetrar e captar o ser no seu íntimo; uma imagem que acaba por se refletir em mim." (Claudia Andujar. Magalhães, Peregrino 2004, 5)

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)



IMAGEM 2
Claudia Andujar. Série Marcados. 1981/1983. Disponível em: http://bienal.org.br/post/457 Acesso em: 22 de outubro de 2018.

Projeto civilizacional e outridade: apontamentos

> "Entre viver a história e interpretá-la, nossas vidas passam. Ao interpretá-la, vivemo-la: fazemos história, ao vivê-la interpretamo-la: cada um de nossos atos é um signo. A história que vivemos é uma escritura; na escritura da história visível devemos ler as metamorfoses e as mudanças da história invisível. Esta leitura é uma decifração, a tradução de uma tradução: jamais leremos o original." (Paz 2006, 241)

Jeanne Louise Milde e Claudia Andujar: duas artistas em dois tempos, no mesmo tempo, escolheram viver no Brasil em cidades distintas, por motivos diversos. Jeanne Louise Milde chega ao Brasil em 1929 com um projeto civilizacional claro: um projeto educacional, vinculado às artes. Trabalha como professora de artes no estado de Minas Gerais, aposenta-se no Brasil e aqui permanece. Já estava no Brasil quando nasce a outra artista sobre a qual nos debruçamos, Cláudia Andujar, em 1931. Durante a segunda grande guerra, as duas artistas vivenciam realidades muitos distintas. Jeanne Louise Milde estava afastada da Europa, vivendo em terras brasileiras. Claudia Andujar não só encontrava-se na Europa, como vivenciou os horrores do holocausto, seu pai foi morto em um campo em razão de ser judeu. Ela nunca mais o viu após sua saída de Oradea com a mãe.

Jeanne Louise Milde continuou ao longo de sua vida a acreditar na potência da civilização ocidental, no seu trabalho profícuo como professora e artista. Sua arte e sua vida transformaram-se ao tomar contato com novas culturas e com novas possibilidades

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

de mundo. Jeanne Louise Milde passa então a ocupar um lugar em Belo Horizonte, o lugar da artista belga que veio trazer ensinamentos do outro lado do Atlântico, para uma terra menos desenvolvida que a belga, uma terra onde havia muito o que fazer. Em Belo Horizonte, fez-se presente em diversos campos, ensino, artes visuais.



IMAGEM 3
Jeanne Milde. A Deusa do Amazonas. Entalhe em madeira.1976. 116x 34,5x 32,5 cm. Acervo Museu Mineiro. Foto: Rita Lages Rodrigues

Aqui, representou personagens da mitologia indígena, no entanto, nunca mergulhou a fundo neste universo tão distinto do seu. Era uma artista de seu tempo, de sua civilização e do encontro de civilizações, embora não tenha passado incólume pelas décadas de vida no Brasil. Se fossemos colocá-la em um lado, colocaríamos ao lado da civilização ocidental, também contraditória, mas marcada pela crença no desenvolvimento civilizacional. Acreditava em um universal sob a marca da civilização ocidental. A sua ideia de que ia para um local onde havia tudo por fazer, retrata esta crença na civilização. Aqui, nos anos 1970, realiza duas esculturas com temáticas indígenas, Iara (década de 1970, IMAGEM 1) e Deusa do Amazonas (1976, IMAGEM 3). Também faz um alto relevo de madeira que contém imagens de rostos indígenas e vegetação tropical.

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

Claudia Andujar situaria-se em outro lugar. Após passar pelos horrores da guerra, viver toda a potência destrutiva desta civilização, encontrou refúgio em outras formas culturais, em outros povos. Entre os Yanomami encontra-se, torna-se outro ser humano. Já inserida em um universo de valorização de outros saberes, de outras formas culturais. No entanto, sabemos que esta realidade não é absoluta. As temporalidades de projetos civilizacionais e de valorização de outridades

Ao separar as artistas de forma tão radical, corre-se o risco de enclausulá-las em celas que não condizem com a veracidade de suas existências. Se Jeanne Louise Milde pode representar o universal da civilização ocidental e Claudia Andujar a busca pelo diverso, pela outridade, a reflexão de Todorov, a partir de Rousseau: 'O universal é o horizonte de entendimento entre dois particulares; talvez não seja atingido jamais, mas apesar disso, é preciso postulá-lo para tornar inteligíveis os particulares existentes." (Todorov 1993, 31), pode nos indicar outras possibilidades. No Brasil, em sua série de fotografias dos Yanomami demonstra o encantamento inicial do encontro, o momento seguinte de destruição pelo contato com a civilização e um terceiro momento de tentativa de utilização de conhecimentos da chamada civilização para tentar minimizar os estragos causados pelos civilizados, é o momento da série Marcados. Andujar, assim, estaria mais aberta à "celebração móvel", tal qual estabelecida por Stuart Hall (2006) na definição do sujeito pós-moderno, transformando-se e atuando de acordo com os sistemas culturais que nos rodeiam.

O anacronismo das imagens, tal qual colocado por Didi-Huberman, pode também ser acionado ao refletirmos sobre a presença das obras destas duas artistas e a reflexão suscitada por elas. As imagens dos indígenas evocados por elas fazem-nos refletir sobre a presença destes povos hoje e sempre, sobre o olhar sobre o outro e sobre nós mesmos.

Referências bibliográficas

Andujar, C. 2009. *Marcados*: Claudia Andujar. São Paulo: Cosac Naify.

Argan, G. C. 1992. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bourdieu, Pierre. 1999. *A Dominação Masculina* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Didi-Huberman, George. 2015. *Diante do tempo: História da Arte e Anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

Elias, Norbert. 1994. *O processo civilizador*. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Hall, Stuart. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Levi, Giovanni. 1989. Les usages de la biographie. *Annales ESC*. Paris: novembre-décembre 1989, nº 6, p 1325-1336.

Magalhães, Â. & Peregrino, N. 2004. *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: Funarte.

Paz, Otávio. 2006. *Labirinto da Solidão e Post Scriptum*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra.

Pignataro, Iolanda. 23 Janeiro 1980. Jeanne Louise Milde, Pioneira como Helena Antipoff. Estado de Minas. Belo Horizonte.

Rodrigues, Rita Lages. 2003. *Entre Bruxelas e Belo Horizonte*: Itinerários da escultora Jeanne Louise Milde. Belo Horizonte, C/Arte

Rodrigues, Rita Lages. 2017. Uma Yanomami radical: a Galeria Cláudia Andujar em Inhotim. Studia Universitatis Babe -Bolyai Philologia, v. 62, p. 171-184.

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)

Sussekind, Flora. 1990. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras.

Todorov, Tzvetan. 1996. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes.

Todorov, Tzvetan. 1993. *Nós e os outros*. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Audiovisual

Frota, Gastão. 2000. *A vida na arte de Jeanne Milde*. Belo Horizonte, 2000.

Vídeo de Entrevista dada ao CRAV (Centro de Referência Audiovisual da Prefeitura de Belo Horizonte) em 1996.

Tavares, Mariana. 1997. *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: C/Arte.

BDD-A31313
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 20:48:13 UTC)